

# A Anta da Azinheira (Reguengos de Monsaraz)

POR

Henrique Leonor Pina

Licenciado em Ciências Históricas e Filosóficas e colaborador do Centro  
de Estudos Geológicos da Faculdade de Ciências de Lisboa

---

## Situação

Na Herdade da Azinheira (freguesia da Caridade, concelho de Reguengos de Monsaraz) existem três antas já arroladas <sup>(1)</sup>. A que constitui objecto deste estudo <sup>(2)</sup> é, das três, a que fica a maior distância do «monte»: cerca de 1 800 m E, 20° N. Pode fàcilmente atingir-se, quer partindo do «monte», quer do quilómetro 3,800 da estrada de Reguengos para Monsaraz, por um caminho à esquerda e a cerca de 1 300 m N, 20° W.

Fica situada num terreno aplanado, um pequeno vale brandamente inclinado para Sul, a uns 200 ou 300 metros a Sul de um velho forno de cerâmica sito na base dum grande afloramento granítico («castelos de pedras»), e um pouco ao Norte de um poço com bebedouro à margem de um caminho.

---

(1) G. e V. LEISNER — «Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz» — Lisboa, 1951, págs. 207 e 208.

(2) *Op. cit.*, pág. 207: N.º 16 — Anta 2 da Herdade da Azinheira.

A colina tumular, hoje reduzida à base e espalhada pela lavoura, é ocupada por uma azinheira que sombreia o monumento.

### Arquitectura e orientação

Depois de escavada, a anta não ultrapassa, nas suas dimensões exteriores, os 6 metros de comprimento (Fig. 1).

A câmara, poligonal, é constituída por sete grandes esteios de granito, todos «in situ», sòlidamente implantados no terreno. O lado da cabeceira é constituído pelo esteio *a* e pela extremidade do esteio *g*, tendo sido o espaço de 20 cm entre estes dois cuidadosamente tapado por três pequenos esteios colocados um exteriormente (esteio *m*) e dois interiormente (esteios *n* e *o*). Partindo da cabeceira para um e outro lado da entrada da câmara, os construtores sobrepueram quase sempre, pela parte exterior, as extremidades dos esteios que foram colocando. Assim, apesar do mau estado de conservação do monumento, a impressão mais saliente a quem o observa é a sua solidez e cuidada construção. Vista de Norte ou de Leste, lados cujos esteios estão melhor conservados, a anta aparece como uma fechada construção ciclópica que, à distância, e pela falta de «chapéu», não se destaca da paisagem (Est. I).

A planta, em que os esteios se supõem cortados ao nível do solo não remexido, mostra bem o cuidado que esta construção mereceu. A câmara é (contando com a entrada) um octógono sensivelmente regular, um pouco alargado, com 2,60 m da entrada ao esteio *a* e 2,90 m perpendicularmente ao eixo da anta. O corredor obliqua levemente para o Sul e estreita para a sua entrada; alonga-se por 2,70 m e é constituído por dois esteios menores (*h* e *j*) distanciados de 1 m à entrada da câmara (a qual, contudo, não tem mais de 90 cm ao nível do solo), a

cada um dos quais se sobrepõe na extremidade (tal como sucede na câmara) um esteio maior (*i* e *l*), não havendo entre estes dois mais de 70 cm onde supusemos ser a entrada do corredor.

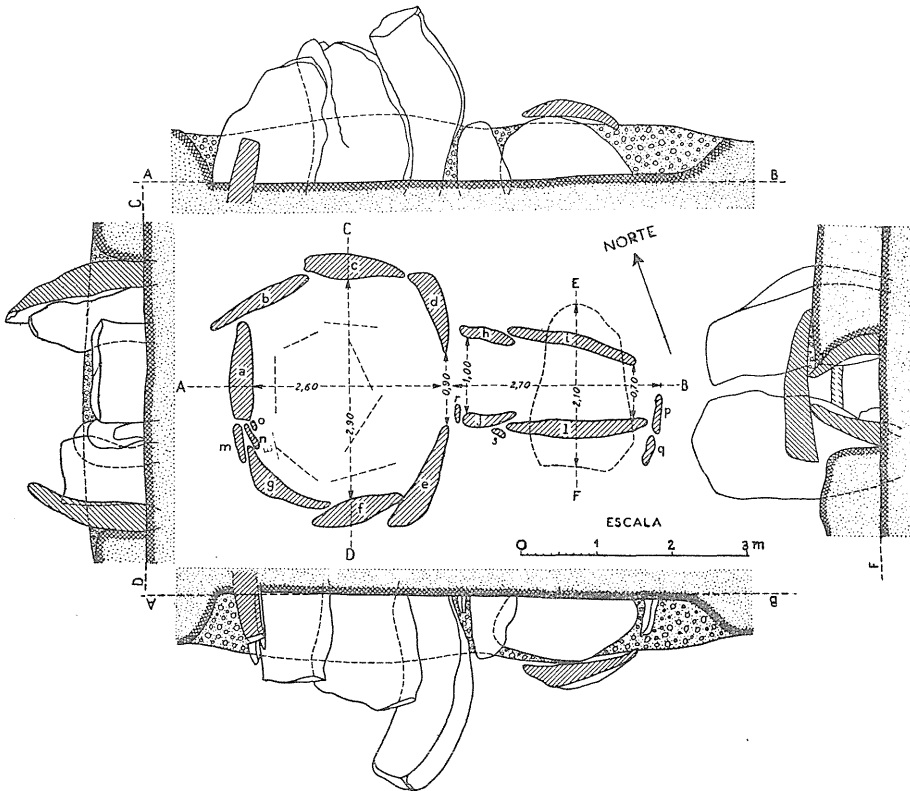


Fig. 1 — Planta e cortes

Deste lado encontrámos ainda dois pequenos esteios (*p* e *q*), o primeiro dos quais caído e que, na posição vertical, obstruía uma parte da referida entrada. Admitimos, por isso, tratar-se duma pedra que podia ser usada como porta móvel, e como tal a desenhámos na planta. Resta referir um pequeno esteio (*r*) cravado à

entrada da câmara (que poderia ser o que restaria duma provável porta à entrada da câmara) e ainda uma cunha de reforço (*s*) entre os esteios *j* e *l*.

Dissemos que o estado de conservação é mau. Os esteios *a* e *g* foram propositadamente quebrados, e primeiro destes tão abaixo que não era visível antes da escavação. Atestam-no os vestígios provocados pelas cunhas usadas na região para quebrar granito. Os esteios *b*, *c* e *f* poderiam ter sido quebrados acidentalmente. O «chapéu» foi encontrado muito fragmentado no interior da câmara. Os esteios *d* e *e* pareciam intactos e deram-nos o que supomos ter sido a altura máxima interior do monumento. Intactos estavam também os esteios do corredor e a grande laje que cobria os dois maiores. No entanto, a inclinação de todos os esteios da câmara, que aumentava da cabeceira para a entrada e cujas projecções das extremidades actuais estão marcadas a tracejado na planta, permitem conceber a anta no seu estado primitivo, como um tronco de pirâmide muito fechado, sobrepujado pelo «chapéu». Este, a julgar pelos fragmentos, não era, de facto, muito grande.

Como sucede em muitos monumentos deste tipo, os esteios que ladeiam a entrada aproximam-se tanto que quase se tocam no cimo. Isto explica a ausência no local, ou perto dele, do grande bloco que, assentando nos dois primeiros esteios do corredor, deveria, doutro modo, cobrir o vão deixado pela entrada. Uma pedra menor ou ligeiras lajes de xistos bastariam para o efeito e teriam sido removidas facilmente em qualquer altura. Também os mais longos e fortes esteios do corredor, cobertos ainda pela laje da cobertura, estavam inclinados para dentro dando ao corredor uma secção interior trapezoidal cuja altura não ultrapassaria os 90 cm. O mais alto dos esteios da câmara atingia contudo 2,40 m. Havia, portanto, um grande desnível entre a câmara e o corredor.

A orientação do que consideramos ser o eixo da anta era E, 20° S. O corredor, contudo afastava-se um pouco mais para S.

Quanto ao «tumulus», dissemos já que estava muito arrasado pela lavoura. A coroa de blocos que poderia delimitá-lo, se é que existia, deve ter sido desfeita pelo arado e as pedras deslocadas ou amontoados dentro da anta, onde encontramos muitas.

### Escavação

A escavação (Est. II) começou pela câmara, cuja entrada era acessível do lado da cabeceira por estarem quebrados os esteios, como já referimos. Alguns dos grandes fragmentos do chapéu ou dos esteios afloravam à superfície e foi preciso descobri-los e removê-los. Estes trabalhos preliminares revelaram imediatamente que a anta tinha sido muito remexida pela frequência com que apareceram logo à superfície e nos primeiros níveis fragmentos, em geral sem forma reconhecível de cerâmica de vários tipos. Aproveitámos esses trabalhos para fazer uma primeira sondagem em profundidade numa das secções, em busca de estratigrafia que, como era de prever, não se encontrou. Continuámos depois a sondagem abrindo uma pequena trincheira segundo o eixo da anta, da cabeceira para o corredor. O corte revelou apenas a existência de terra e blocos maiores ou menores de pedra, sendo a terra de cor cinzenta mais ou menos escura um pouco mais dura do que o solo em volta da anta, e a sua dureza, aumentava para as camadas inferiores. O solo não remexido, ou, pelo menos numa dureza, homogeneidade e consistência que o faziam supor, apareceu a uma profundidade média de 90 a 95 cm.

Em todos os níveis a cerâmica muito fragmentada apareceu com frequência e, nos primeiros, como único espólio.

Apenas as camadas do fundo revelaram outros vestígios, quer fragmentos cerâmicos de maiores dimensões e bem localizados, quer a peça de pedra polida n.º 2 da Fig. 2, além das placas ou fragmentos de placas de xisto gravadas. Não apareceu o mais pequeno objecto de pedra lascada na câmara (micrólito, fragmento de faca ou ponta de seta) ou conta de colar, por mais insignificante. No entanto, surgiram vestígios ósseos em contacto com o solo duro. Foram retirados fragmentos do que parecia ser a parte superior da calote craniana, quase encostados ao esteio *b*, encontraram-se ténues fragmentos de ossos longos, muito alterados, paralelos ao esteio *a*, na direcção do esteio *g*. À sua posição fazia supor que a inumação se teria feito paralelamente à cabeça, com a cabeça para N talvez na posição horizontal ou deitada de lado, e, neste caso, seria de presumir que com a face voltada para o corredor, portanto, para E.

Do sector de onde foram retirados os fragmentos de crânio, no ângulo dos esteios *a* e *b*, recolheram-se os fragmentos que permitiram a reconstituição do vaso n.º 15, Fig. 3, e do lado dos esteios *c* e *d* apareceram os fragmentos dos vasos n.ºs 8 e 14 da mesma Fig. 3. De resto, a maioria dos vasos que puderam reconstituir-se apareceu do lado Norte.

Sensivelmente a meio da câmara e também a grande profundidade apareceu a peça de pedra polida n.º 2 e desse sector também, mas mais acima, outro fragmento polido. As placas de xisto gravadas surgiram quase sobre o solo não remexido, no último nível, portanto, todas no sector do lado Sul da câmara, próximo dos esteios *e*, *f* e *g*.

O corredor, salvo próximo da entrada da câmara, nem cerâmica continha. Contudo, todas as lâminas de sílex foram encontradas junto ao intervalo dos esteios *j* e *l* do corredor, na parte exterior, incluídas todas num grande torrão destacado nesse sítio.

O fragmento de pedra polida n.º 1, Fig. 2, foi encontrado à superfície da terra lavrada em redor da anta.

### Espólio

O espólio, cuja lista e descrição se seguem, é constituído por peças de pedra polida (poucas e em mau estado), de pedra lascada (apenas lâminas ou facas), placas de xisto ou seus fragmentos e principalmente cerâmica que, embora em mau estado, é a parte mais rica e mais representativa.

### I — Peças de pedra

#### a) *Pedra polida* (Fig. 2).

1 (N.º 1) — Parte superior de um machado de anfibólito, de cor esverdeada, afeiçãoado, mas não pròpriamente polido; secção oval ( $5,5 \times 3,5$  cm).

2 — Pequeno fragmento de uma peça de anfibólito verde-claro finamente polido, com a espessura máxima de 2 cm, talvez um fragmento de enxó.

3 (N.º 2) — Peça polida, mas quebrada nalguns pontos por fracturas muito antigas, de secção média rectangular boleada ( $2,5 \times 1,5$  cm), com uma extremidade mais larga (cerca de 3 cm) e outra mais fina (1 cm). A peça tem o aspecto de um objecto que poderia servir para furar. O material de que é feita é um xisto metamórfico, de cor parda.

b) *Pedra lascada* (Fig. 2).

1 (N.º 3) — Grande lâmina de sílex mosqueado castanho-claro, de 20 cm de comprimento por 2,5 cm de largura e 4 mm

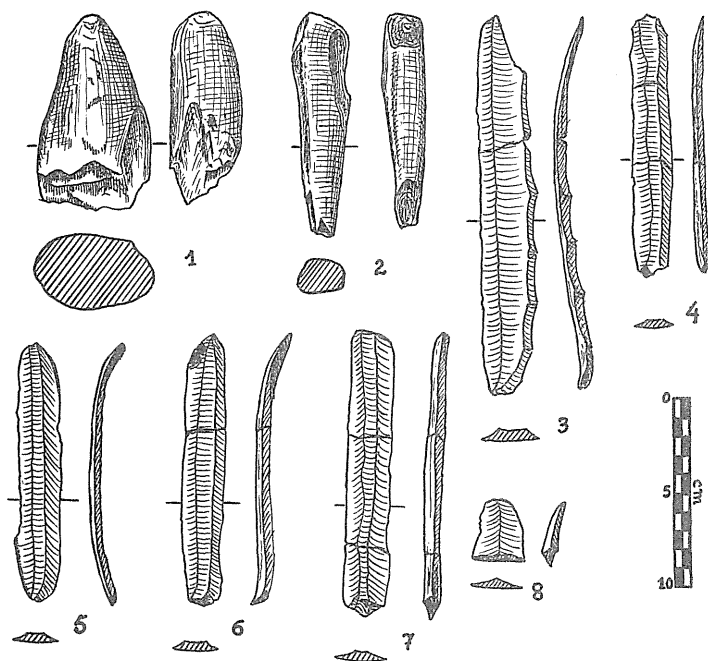


Fig. 2 — Peças de pedra polida e de pedra lascada encontradas na Anta da Azinheira

de espessura; secção trapezoidal, tendo um dos gumes rectos e o outro obtido por vários retoques largos, certamente antes de ser destacada do núcleo; pequenas escamas de utilização e vestígios de fricção no gume.

2 (N.º 4) — Lâmina de sílex castanho-claro, de 14 cm de comprimento, por 1,8 cm de largura e 3 mm de espessura, secção trapezoidal; ambos os gumes com pequenas escamas de utilização.



3 (N.º 5) — Lâmina de sílex cinzento acastanhada-claro, de 13,5 cm de comprimento, por 2 cm de largura e 3 mm de espessura; secção trapezoidal; ambos os gumes com pequenas escamas de utilização e vestígios nítidos de fricção.

4 (N.º 6) — Lâmina de sílex cinzento-pardo, a que falta um pequeno fragmento extremo, de 14 cm de comprimento, 2 cm de largura, 4 mm de espessura; secção trapezoidal; um dos gumes intacto e outro com muitas escamas de utilização.

5 (N.º 7) — Lâmina de sílex cinzento-violáceo, de 13 cm de comprimento, 1,8 cm. de largura e 3 mm de espessura; secção trapezoidal; ambos os gumes rectos, sem vestígios nítidos de utilização.

6 (N.º 8) — Fragmento terminal de lâmina de sílex pardo (fractura antiga) fragmento todo patinado) de 3,2 cm de comprimento por 2,1 cm de largura e 4 mm de espessura; secção triangular; lascado em ambos os gumes.

Todas as lâminas, incluindo a primeira podem considerar-se sem retoque. Nenhuma foi retocada depois de destacada do núcleo e todas têm uma secção longitudinal mais ou menos curva e um bolbo de percussão muito atenuado. O último fragmento corresponde à extremidade oposta ao bolbo de percussão.

c) *Xisto gravado* (Ests. III e IV).

Placa com os contornos completos e dois orifícios cónicos, de xisto negro (ardósia), de lados curvos e cantos arredondados (Fig. 12); forma trapezoidal, quase rectangular, lados mais encurvados para os topos; face anterior, decorada, de superfície sensivelmente plana, adelgada por polimento no topo superior e no canto superior esquerdo; dois orifícios equidistantes do eixo longitudinal; face posterior, não decorada, levemente arqueada

para os bordos laterais; topo superior biselado. Dimensões: comprimento 16 cm; largura máxima (no terço inferior) 8,8 cm; topo superior 6,7 cm; topo inferior 7,5 cm (canto inferior quebrado por fractura antiga); espessura máxima 7 mm.

Decoração: Sem divisória. A região mediana superior tem gravado um triângulo grosseiro, não decorado, com o vértice truncado dirigido para baixo, a restante superfície da placa está dividida em quatro partes por linhas verticais, partindo do triângulo, e sensivelmente equidistantes; o terço superior é ocupado pelo triângulo referido e decorações anexas: três pequenas faixas horizontais do lado esquerdo e quatro do lado direito e em cima e em baixo pequenos triângulos quadriculados (faixas divergentes). A parte inferior do triângulo é envolvida por uma faixa quebrada e quadriculada; os dois terços inferiores são preenchidos por faixas quebradas, quadriculadas, em forma de M aberto, cujos vértices assentam nas linhas divisórias verticais.

Trabalho de decoração fino, talvez mais descuidado no lado superior direito.

A fig. 13 da Est. III mostra uma placa de xisto clorítico (esverdeado e micáceo) de contornos quase completos (fracturas antigas e um orifício central, estreito, grosseiramente bicónico, duas pequenas ranhuras, uma em cada ângulo superior; contornos curvos; lados adelgaçados; cantos arredondados; forma trapezoidal; face anterior (decorada) acentuadamente curva; face posterior lisa e plana, secção adelgaçando para as extremidades, especialmente para o topo superior que é fino. Dimensões: comprimento 16,5 cm; largura topo superior 6,5 cm e no topo inferior 9,2 cm; espessura máxima 1,1 cm. Decoração: Divisória situada muito acima, a pouco mais de 1 cm do topo, constituída por duas estreitas faixas horizontais, a primeira quadriculada e a outra não decorada. Acima da faixa divisória, dum e doutro lado do orifício, há duas linhas duplas convergentes, correspondendo

ao triângulo truncado (cabeça); a restante superfície inferior à faixa divisória está repartida por 5 linhas duplas (ou faixas não decoradas) verticais excepto a da esquerda, que é uma linha simples; os espaços intermédios estão decorados com um espinhado constituído por linhas duplas em V invertido, alternadamente quadriculadas; o espaço compreendido entre o bordo esquerdo e a primeira linha dupla vertical está quadriculado; o do lado esquerdo é liso.

O trabalho de decoração é fino e minucioso. A parte central da placa apresenta-se puída e a decoração aí é pouco visível.

Uma terceira placa (Fig. 14, Est. IV) é de contornos completos (fracturas acidentais), sem orifício, de ardósia, forma trapezoidal e cantos arredondados; face posterior, lisa e curva, adelgaçando para os topos, especialmente para o topo superior; cantos adelgaçados.

Dimensões: comprimento 14,5 cm; largura no topo superior 8 cm e no topo inferior 9,3 cm; espessura máxima 8 mm.

Decoração: Divisória constituída por três faixas horizontais decoradas com traços oblíquos concordantes em faixas sucessivas (espinhado); terço superior decorado com duas linhas duplas, quadriculadas, concorrentes (triângulo truncado) e ladeado por 3 faixas levemente oblíquas, também quadriculadas; os dois terços inferiores preenchidos por faixas quebradas quadriculadas em forma de N aberto cujas vértices assentam em linhas divisórias verticais.

Trabalho de decoração constituído por incisões pouco profundas e às vezes pouco visíveis, mas cuidado.

A fig. 15 da Est. IV, reproduz um fragmento de placa (dois terços inferiores?); fractura antiga; ardósia lascada naturalmente (diáclase) na face posterior; forma sensivelmente trapezoidal. Dimensões: comprimento máximo do fragmento 9,5 cm; largura 8,5 cm; espessura máxima 7 mm.

Decoração: ao alto, no canto superior esquerdo, o princípio duma faixa divisória horizontal decorada com traços oblíquos; a restante superfície decorada com ziguezagues decorados também com traços oblíquos.

Trabalho de decoração pouco cuidado, puído na parte média.

Apareceram fragmentos de outras placas: uma pequena lasca dum bordo; com decoração quadriculada; uma lasca não decorada mas biselada e com vestígios de orifício; outra lasca (da face posterior?) polida e boleada (todas de ardósia); um fragmento de xisto clorítico polido, sem decoração nem orifício.

## II — Cerâmica

A cerâmica colhida estava toda muito fragmentada e apenas alguns cacos maiores ou, embora menores, colhidos nos mesmos sectores, permitiram a reconstituição de vasos; outros, ainda, correspondendo a bordos ou a fundos, puderam permitir a sua atribuição a outras formas.

À primeira classificação e, na maioria dos casos, a única possível, foi feita com base no tipo de pasta, na cor e nos pormenores do fabrico. Tomámos como ponto de partida a classificação assim ordenada por GEORG e VERA LEISNER <sup>(1)</sup>, dada a extensão dos trabalhos destes investigadores na região a que esta anta pertence, e cuja cerâmica, «a priori», deveria inserir-se no largo quadro por eles traçado, salvo, evidentemente, se a nossa investigação pudesse trazer algum elemento novo, caso que parece não se verificar.

---

(1) *Op. cit.*, pág. 67 e segs.

A par dos tipos fundamentais aparecem intermediários entre quase todos eles, pelo que surgiram algumas dificuldades, nem sempre claramente resolvidas, em atribuir exacta posição especialmente aos fragmentos menores e sem forma reconhecível.

Remetemos, por isso, os leitores para a obra dos citados investigadores e limitamo-nos, no caso particular desta classificação, a apontar os elementos por nós obtidos e uma ou outra pequena divergência.

No que diz respeito à cor e natureza da pasta verificámos a existência de vasos de pastas predominantemente cinzentas, muito e pouco arenosas e castanhas ou castanho-avermelhadas, mais do que vermelhas, igualmente muito e pouco arenosas, além de pastas pretas, carbonizadas ou não, em geral não arenosas ou pouco arenosas.

As pastas cinzentas e castanhas, especialmente as mais arenosas, apresentam, além dos tipos intermediários resultantes da impureza dos materiais, umas vezes manchas e outras vezes mesmo extensas superfícies de cor alterada pelo fogo que dificultam ou impossibilitam mesmo a sua distinção. Em muitos fragmentos pode verificar-se, em corte, uma gradação perfeita entre o castanho exterior e o cinzento, quase negro, interior, ou vice-versa, sem que possamos atribuir as diferenças a camadas posteriormente aplicadas.

Outro elemento altamente perturbador é também a cor da camada exterior ou interior aplicada após a feitura do vaso, porquanto essa cor, em geral castanha ou cinzenta, não só penetra até uma certa profundidade da pasta, mas também escorre, por diluição, cobrindo as superfícies de fractura e induzindo em erro ou dificultando a classificação das pastas pela cor. É, contudo, um elemento distintivo precioso, principalmente porque permite a atribuição ou separação mais segura de um fragmento informe ou minúsculo, no caso das pastas serem muito semelhantes.

Outros elementos a considerar como pormenores do fabrico são a dureza da pasta, em geral resultante da sua homogeneidade e do grau de pureza ou de cozimento, a ausência ou gradação de polimento e ainda a espessura dos fragmentos.

Todos ou parte destes elementos conjugados permitiram verificar a existência de grande número de vasos, embora o grau de fragmentação não permita dizer ao certo o seu número que, em todo o caso é indicado aqui por defeito, nunca por excesso.

Vejamos a classificação das pastas e o número de vasos que se lhes podem atribuir:

*Tipo A1* — Pasta de cor predominantemente cinzenta, com gradações (acastanhada ou avermelhada), muito arenosa, com ou sem camadas posteriores, em geral não polidas e de dureza média ou inferior, às vezes friável.

Fragmentos de cerca de 10 vasos, cujas espessuras variam entre 7 mm e 20 mm.

*Tipo A2* — Pasta das mesmas cores de *A1*, mas mais fina, menos arenosa, de melhor polimento e mais dura.

Fragmentos de cerca de 12 vasos cujas espessuras variam entre os 6 e os 13 mm.

*Tipo B1* — Pasta de cor predominantemente castanha (com gradações) ou vermelha escura, muito arenosa ou micácea, com ou sem camadas posteriores, em geral não polidas, de dureza média ou inferior, às vezes friável.

Fragmentos de cerca de 10 vasos, cujas espessuras variam entre 5 e 35 mm.

*Tipo B2* — Pasta cinzenta ou vermelha pouco arenosa e de dureza média, às vezes destacável em placas, cobertas por uma camada de vermelho vivo (ou castanho-avermelhado) por dentro ou por fora, sem polimento.

Fragmentos de cerca de 6 vasos cujas espessuras variam entre os 5 e 15 mm.

*Tipo B3* — Pasta de cor cinzenta, pouquíssimo arenosa, muito dura, coberta interiormente com uma delgadíssima camada castanha e exteriormente com uma camada castanho-avermelhada, mais espessa e pouco polida.

Fragmento de 1 vaso.

*Tipo C* — Pasta preta, carbonosa, muito pouco arenosa, de dureza média, quebradiça e friável, coberta interior e exteriormente com finíssimas camadas castanhas pouco ou nada polidas.

Fragmentos de 1 vaso.

*Tipo D* — Pasta preta, não arenosa, duríssima, coberta por camadas acastanhadas, bem polidas.

Grandes fragmentos de 1 ou 2 vasos, de formas semelhantes.

Nenhum dos vasos foi encontrado inteiro. A reconstituição das formas foi feita com base na curvatura dos fragmentos, quer no plano horizontal, quer no plano vertical e na presunção de que esses fragmentos pertenciam a formas regulares ou conhecidas. Nalguns casos (n.ºs 8, 10, 14 e 15, da Fig. 3), a existência de um perfil quase completo, não deixa lugar a dúvidas; noutros (n.ºs 3, 6, 9, 11 e 13, Fig. 3) a existência de continuidade entre os bordos e o fundo permite uma atribuição relativamente segura; finalmente (n.ºs 1, 2, 3, 4, 5, 7 e 12 da mesma Fig. 13), a reconstituição, com base principalmente em bordos, ainda que extensos, ou em partes de bordos e fundos, conquanto discutível, foi feita com a maior objectividade e a máxima cautela.

Outros bordos menores e fragmentos sem forma ou posição relativa seguramente atribuíveis, puderam ser considerados como elementos para reconstituição.

A lista que damos a seguir refere-se apenas formas reconstituídas (Fig. 3):

N.º 1 — Fragmento de bordo de um vaso semiesférico com cerca de 15 cm de diâmetro na boca e com 10 a 12 mm de espessura das paredes.

Pasta do tipo *A1* bastante carbonizada; vestígios de cobertura castanha-clara na parte interior; não polido.

N.º 2 — Fragmento de parte do fundo e da parede de um vaso de fundo chato e bordo pouco levantado, de curvatura interior contínua (prato) com um diâmetro provável de 24 ou 25 cm na boca, 12 a 15 mm de espessura no fundo e 9 a 10 mm de espessura no bordo.

Pasta do tipo *A1*, muito carbonizada exteriormente, camada interior castanha-avermelhada, não polida.

N.º 3 — Fragmento do bordo e parte da curvatura inferior de um vaso semiesférico, em calote esférica, de fundo achatado (pequena taça), com o diâmetro provável de 16 a 17 cm na boca e com 8 a 9 mm de espessura nas paredes.

Pasta de tipo *A1*, com vestígios de finas camadas castanho-claras no interior e no exterior, sem ou com pouco polimento.

N.º 4 — Fragmentos da parede e bordo de um vaso de grande abertura e fundo curvo, em forma de calote esférica (taça ou prato), com rebordo interior muito cuidado e parede exterior lisa; diâmetro provável de 25 cm na boca e 8 a 9 mm de espessura nas paredes.

Pasta do tipo *A2*, com vestígios de camadas cinzento-acastanhadas no interior e no exterior, muito finas e bem polidas.

N.º 5 — Fragmentos de grande parte da parede e pequena parte do fundo dum vaso de paredes pouco curvas e fundo achatado, com a parte interior em curva contínua; diâmetro provável da boca 17 a 18 cm; espessura do fundo 5 a 7 mm; espessura da parede de 9 a 10 mm.

Pasta do tipo *A2* com camadas castanho-claras no interior e no exterior, não polidas.

N.º 6 — Fragmento de parte da parede e do fundo de um vaso semiesférico de fundo achatado com o diâmetro provável



de 12 cm, na boca, espessura do fundo 10 a 12 mm; espessura da parede, cerca de 8 mm.

Pasta do tipo *A2*, com vestígios de uma camada exterior castanho-clara, não polida.

N.º 7 — Fragmentos do bordo de um vaso semiesférico, ou em calote esférica, com o diâmetro provável de 16 cm, na boca e 8 a 10 mm de espessura.

Pasta do tipo *A2*, muito escura, quase negra, sem vestígios de camadas posteriores, bem polido interiormente.

N.º 8 — Fragmentos (secção completa) da parede e do fundo de um pequeno vaso cilíndrico, de fundo plano, com 9 cm de diâmetro na boca e 7,5 cm de altura; espessura do fundo 5 a 8 mm; espessura das paredes 8 mm; bordo adelgado, levemente curvo para fora.

Pasta do tipo *B1*, com a parte exterior do fundo polida.

N.º 9 — Fragmentos compreendendo toda a secção do bordo e de uma pequena parte do fundo de um vaso de paredes levemente abertas e fundo plano ou levemente abaulado; diâmetro provável da boca 28 cm; altura do bordo 3,5 a 4 cm; espessura do bordo 9 mm; bordo levemente adelgado e um pouco curvo para fora.

Pasta de tipo *B1*, bem cuidada mas sem vestígios de camadas.

N.º 10 — Fragmentos de grande parte de um vaso esférico, quase globular, com o colo levemente estrangulado e um pequeno bordo revirado para fora, diâmetro da boca: 11 a 12 cm; diâmetro maior do bojo, cerca de 16 cm; profundidade 12 cm; espessura das paredes 8 a 9 mm; bordo adelgado.

Pasta do tipo *B2*, muito carbonizada, destacável em placas; camadas interior e exterior, vermelhas, não polidas (cerâmica a almagre).

N.º 11 — Fragmento compreendendo o bordo e grande parte da secção da parede dum vaso esférico, quase globular, de colo estrangulado e bordo bastante revirado para fora; diâmetro pro-

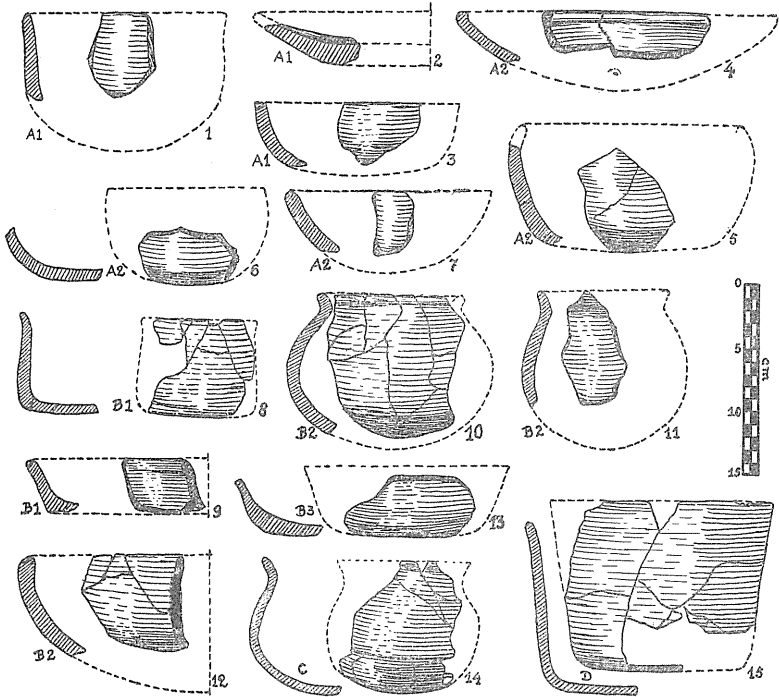


Fig. 3 — Reconstituição de alguns vasos a partir de fragmentos encontrados na escavação da anta

vável da boca 10 cm; diâmetro maior do bojo 13 cm; profundidade 12 a 13 cm; espessura das paredes 0,7 a 0,8 cm.

Pasta do tipo B2, carbonizada mas destacável em placas com vestígios de camadas interior e exterior vermelho vivo (cerâmica a almagre).

N.º 12 — Fragmento da parede e bordo de um vaso semi-esférico (ou em calote esférica) com o diâmetro provável de

28 cm, na boca; paredes regulares com 1 cm de espessura; curvaturas interior e exterior, contínuas.

Pasta do tipo *B2*, homogénea, coberta com camadas avermelhadas não polidas (cerâmica a almagre?)

N.º 13 — Fragmento de parte da parede e do fundo de um vaso, de fundo aplanado e paredes direitas, levemente oblíquas; curvatura interior contínua; espessura do fundo 0,7 a 0,8 cm; espessura das paredes 0,6 a 0,7 cm.

Pasta do Tipo *B3*, com uma camada interior castanho-clara, muito fina e uma camada exterior mais espessa, avermelhada.

N.º 14 — Fragmentos da secção quase completa de um vaso esférico, de colo estrangulado (proto-campaniforme) e fundo achatado; diâmetro da boca de cerca de 10 cm; diâmetro maior do bojo 12 cm; profundidade 11 cm; espessura das paredes 0,5 cm.

Pasta do tipo *C*, muito carbonizada e frágil. Camadas interior e exterior castanhas muito finas e pouco polidas.

N.º 15 — Fragmentos de um vaso de paredes levemente inclinadas, quase cilíndrico, e fundo plano; diâmetro da boca 17 ou 18 cm; profundidade 14 cm; espessura das paredes e do fundo 0,6 cm; bordos levemente adelgaçados.

Pasta do tipo *D*, negra, acastanhada pelo fogo, bem polida, com vestígios de finíssimas camadas, no interior e no exterior.

#### Interpretação dos elementos obtidos e conclusões

Apesar de muito destruída, como já notámos, a Anta da Azinheira é ainda um bom exemplar do dólmen de cuidada construção, de câmara poligonal e corredor de tamanho médio.

As suas dimensões, a sua forma e a sua sólida construção permitem atribuí-la, do ponto de vista arquitectónico, ao período áureo da construção megalítica.

A cronologia estabelecida para outras antas deste tipo e desta mesma região (1), com base nas placas de xisto, no ídolo chato almeriense e, principalmente na cerâmica, dão-no-las como construídas entre 2300 e 2100 a. C. Esta deve ser, portanto, a cronologia atribuível a esta anta cuja cerâmica, seu espólio principal, é em tudo conforme com as que acabámos de referir.

O facto de já ter sido remexida bastante profundamente, antes desta escavação, e as conseqüentes destruição e dispersão da cerâmica e das outras peças que conseguimos obter, não permitiram o estabelecimento de relações estratigráficas, ao menos artificiais, entre os elementos do espólio, pelo que as conclusões que nos propomos tirar assentam, mau grado nosso, em meras relações de fabrico e tipológicas.

O facto da época da construção da anta ser atribuível ao período que referimos não significa que as inumações se devam atribuir apenas a ele. Com efeito, alguns vasos, especialmente os n.ºs 9, 13, 14 e 15, podem assimilar-se, quer formalmente quer tecnològicamente, à cerâmica das «tholoi» desta região (2) e até mesmo à do Castro de Vila Nova de São Pedro, no caso do último vaso considerado (3), o que significa que as inumações devem ter continuado durante séculos neste local. Por outro lado, os vasos globulares pintados a almagre n.ºs 10 e 11, bem como outra cerâmica mais grosseira, às vezes com aparelho semelhante, cujos vestígios temos quer em vasos reconstituídos, quer em

---

(1) G. e V. LEISNER, *op. cit.*, págs. 190-191.

(2) G. e V. LEISNER — *Op. cit.*, págs. 97-99 e 292.

(3) AFONSO DO PAÇO — «Castro de Vila Nova de São Pedro», *Am-purias*, XXI, Barcelona, 1959, págs. 257-259.

fragmentos informes, ligam o povo que construiu e utilizou esta anta a correntes culturais mais antigas, de tradição neolítica. Os vasos de colo estrangulado, especialmente o n.º 14, estabelecem ainda uma ligação com a cultura do vaso campaniforme do interior de que é exemplo o vaso da Anta 1 das Casas do Canal, do concelho de Estremoz (1), muito embora o nosso vaso seja de pasta cinzenta em vez de cor de ferrugem.

Esta variedade de cerâmica vem, por um lado, corroborar a tese da permanência de um povo ou povos nesta região, durante largos séculos (2), cujas tradições assentam sobre um fundo neolítico constantemente renovado por contribuições culturais vindas, por vezes, de bem longe. Assim no-lo sugerem os elementos semelhantes aos das «tholoi» e à cultura campaniforme.

A ausência de objectos de pedra lascada (se exceptuarmos as lâminas) isto é, dos micrólitos e nas pontas de seta, embora não seja caso único nas antas da região, por um lado é ainda um elemento cronológico que situa este dólmen num período distante do neolítico e, portanto, em pleno eneolítico, se aceitarmos os micrólitos como sobrevivência mesolítica; por outro lado integra-o numa tradição cultural em que a seta não seria oferenda funerária habitual, o que o liga a um povo de sedentários agricultores. Isso no-lo devia confirmar a pedra polida, pilhada certamente quando da violação ou violações por ser mais susceptível de atrair atenções.

As lâminas de sílex, uma das quais muito longa, encontradas em grupo entre dois esteios de corredor onde escaparam ao revolvimento, são, especialmente a maior delas e pelo facto de

---

(1) G. e V. LEISNER — «Antas das Herdades da Casa de Bragança», no concelho de Estremoz, Lisboa, 1955, pág. 820 e segs.

(2) H. L. PINA — «A Anta da Herdade do Duque», *Revista de Guimarães*, vol. LXXI, n.ºs 1-2, Guimarães, 1961.

apresentarem certo grau de polimento ou lustro devido ao uso, atribuíveis também a uma cultura de agricultores eneolíticos.

Finalmente, as placas de xisto, encontradas a grande profundidade, são seguros elementos de cultura eneolítica, uma das quais (Fig. 13) quer-nos parecer a de feição mais evoluída ou, pelo menos, reveladora de alguma renovação cultural que assenta não só no processo bastante diferente da repartição dos elementos decorativos, como ainda na escolha do material usado e no processo de afeiçoamento da placa antes da decoração.

Em resumo: todos os elementos que considerámos nesta anta parecem levar-nos à conclusão de que os seus construtores e os que posteriormente a utilizaram fazem parte de um grupo etnológico, ou de grupos etnológicos afins, constantemente renovados pelas achegas de culturas mais ou menos distantes, em todo o caso susceptíveis de se fundirem, ao menos pelas preocupações em relação aos seus mortos, de tal modo que não desdenharam de lhes dar morada e de lhes fazer oferendas no mesmo local. Aí radicados, esses povos — indicam-no-lo a escolha dos locais para a construção dos monumentos fúnebres e o mobiliário que neles se encontra — viviam principalmente do produto da colheita e da exploração agrícola.



Fig. 4 — Vista de Sul



Fig. 5 — Vista de Leste

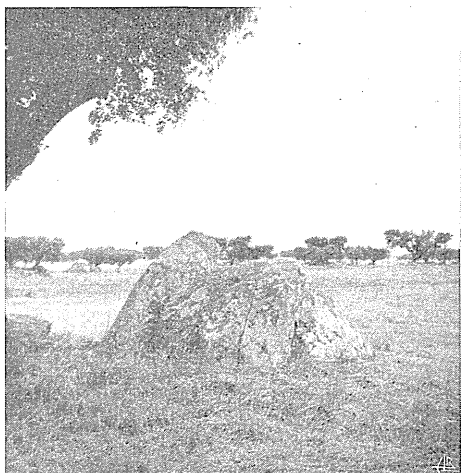


Fig. 6 — Vista de Norte



Fig. 7 — Vista de Oeste



Fig. 8 — Entrada da câmara dolmênica e cobertura do corredor

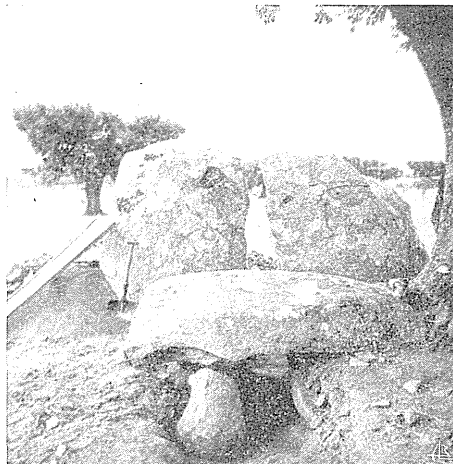


Fig. 9 — Porta do corredor. Esta fig., como as demais desta Est., mostra pormenores da construção da anta, depois de escavada



Fig. 10 — Entrada da câmara vista do interior

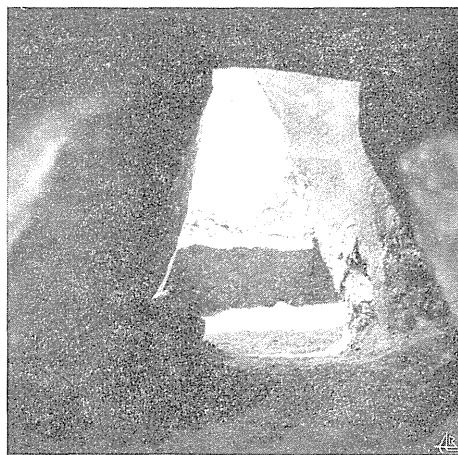


Fig. 11 — Interior do corredor e de parte da câmara



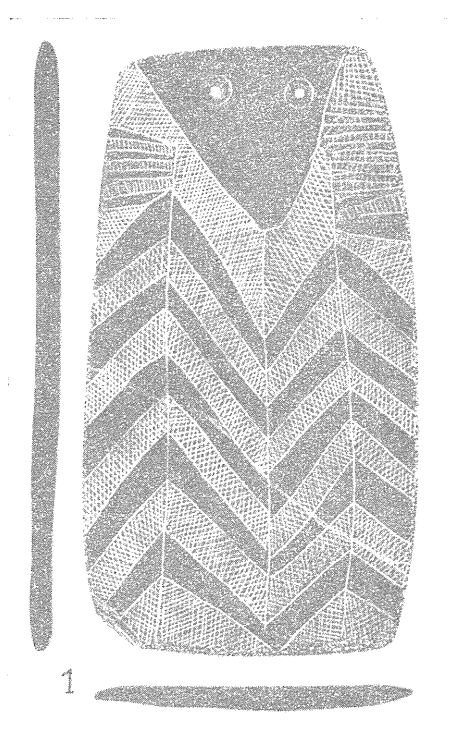


Fig. 12 — Placa de xisto com 2 orifícios de suspensão

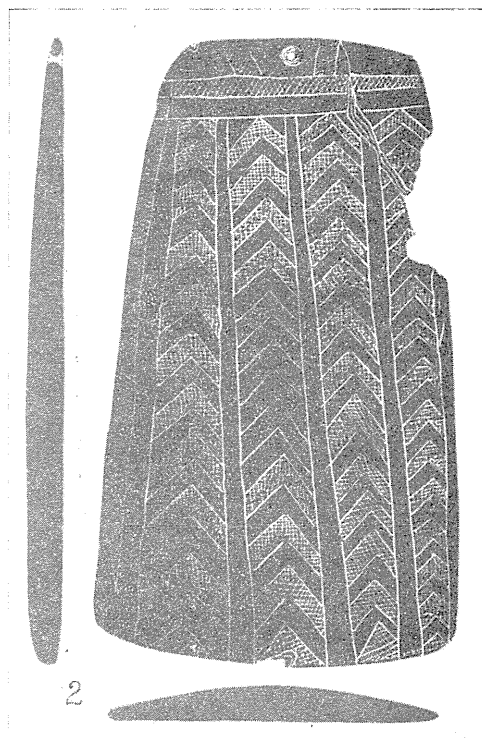


Fig. 13 — Placa de xisto com 1 orifício de suspensão

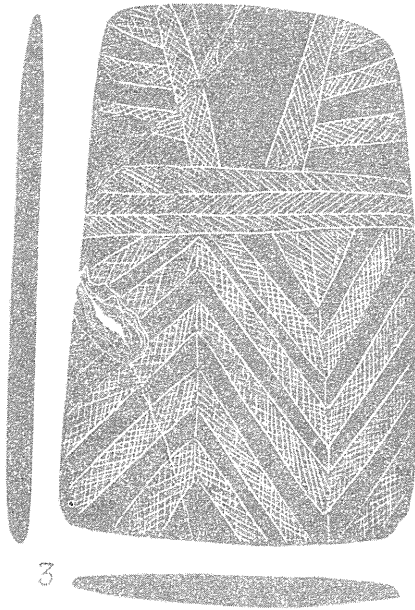


Fig. 14 — Placa de xisto sem orifício de suspensão

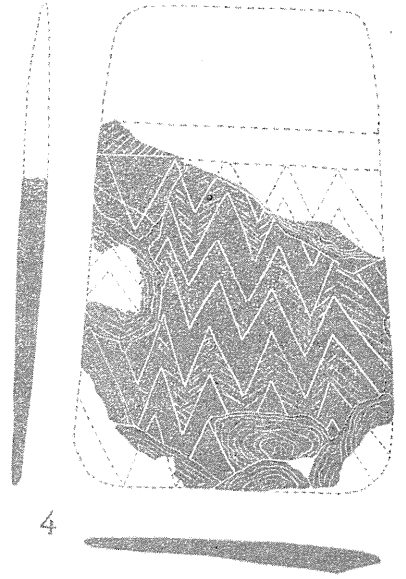


Fig. 15 — Fragmento de placa de xisto